

A simulação na formação de profissionais de saúde

DOI: 10.5935/1415-2762.20150001

Desde a Segunda Guerra Mundial com a necessidade de ter pilotos treinados para apresentar elevados níveis de proficiência em circunstâncias complexas, que a importância da simulação surge como evidência científica. Mas pode-se afirmar que os treinos para diversas tarefas (combates, caça, desportos), vindos desde tempos ancestrais, foram uma forma de aprender e desenvolver competências simulando contextos e ações reais.

Ao longo das últimas décadas, a simulação vem sendo utilizada como estratégia na formação de profissionais de saúde, crescendo e refinando-se como metodologia. Pela simulação, os formandos crescem em várias dimensões: no saber, desenvolvendo-o, aprofundando-o e consolidando-o pela aplicação na prática; no saber fazer, desenvolvendo destreza no cumprimento da técnica; no saber estar e ser, desenvolvendo estratégias de comunicação eficazes e o respeito por cada pessoa; no saber aprender, percebendo pela reflexão sobre a ação os pontos fortes e os menos fortes ou mesmo os erros cometidos.

A simulação é uma estratégia de ensino-aprendizagem (e não uma tecnologia), que a partir de uma experiência em ambiente seguro para o estudante, para o docente e para o doente, permite olhar, antecipar ou ampliar situações reais por meio de experiências interativas guiadas, recorrendo-se à reflexão sobre a ação (*debriefing*) para a consolidação de conhecimentos. Todavia, a simulação utiliza as tecnologias mais modernas de imagem e de som, assim como simuladores adequados aos objetivos, materiais, equipes e espaços realistas, permitindo que o formando se sinta imerso, envolvido e no centro da ação. O grau de fidelidade de uma simulação está relacionado a esse realismo físico, contextual e emocional que permite aos formandos viverem uma simulação com intensidade.

A simulação assenta-se hoje num conjunto de justificações que não se pode esquecer: a segurança do paciente (o treino em ambiente simulado permite que se cometam erros e se aprenda com eles sem a consequência dos mesmos numa pessoa real); a não instrumentalização das pessoas (não é ético nem legítimo utilizar uma pessoa para um formando treinar e desenvolver o seu aprendizado sem tê-lo feito primeiro em ambiente simulado sempre que possível); os atuais contextos de saúde (com internamentos curtos, com ambientes cada vez mais complexos e a exigir profissionais com elevado desenvolvimento e especialização); o desenvolvimento tecnológico constante (que exige atualização permanente, flexibilidade e plasticidade dos profissionais).

São reconhecidas hoje inúmeras vantagens no uso da simulação no ensino de enfermagem, mas também algumas limitações, como o fato de não ser real, a interação humana é mais limitada, os formandos podem não viver a experiência, assim como os sintomas psicológicos são incompletos ou não existem.

Uma simulação pode ser pensada e planeada com objetivos de níveis diferentes: mais operativo, centrado numa determinada técnica, nos seus passos, na manipulação do material, entre outros; mais relacional, centrado na comunicação com o paciente, na forma como utiliza a comunicação para avaliar, ensinar, treinar ou levar à adesão; ou mais global, centrado na resolução de um cenário completo, mais ou menos complexo, no desenvolvimento do pensamento crítico e estruturado, na tomada de decisão, no trabalho em equipe.

A simulação constitui-se atualmente em um modelo indiscutível de promoção das aprendizagens clínicas e sua avaliação. Porém, para que a simulação seja eficaz como estra-

tégia de ensino-aprendizagem, requer-se um trabalho preparatório moroso, identificando-se, portanto, a necessidade prévia de elaborar um “desenho” da simulação de acordo com as necessidades dos formandos: definir bem os objetivos, preparar os cenários com antecedência, preparar materiais pedagógicos, caracterizar, maquiar o simulador ou paciente real, planejar o *debriefing* e definir os instrumentos de avaliação. Em todas essas etapas são os objetivos que conduzem e guiam o trabalho do docente.

A evidência científica tem vindo mostrar que a simulação permite ao formando adquirir mais confiança na ação, estar mais motivado para o processo de aprendizagem e mais satisfeito com esse processo e reconhecer ganhos a ele associados, comunicar melhor, cometer menos erros posteriormente quando junto dos pacientes, entre outras variáveis.

As possibilidades associadas à simulação vão para além da formação de enfermeiros. Essa é uma estratégia que permite o desenvolvimento da investigação, a partir da qual conseguiremos melhorar essa mesma estratégia, mas também avaliar a sua transferibilidade para a prática, o desenvolvimento de técnicas, de tecnologias e de práticas educativas.

Saber mais, aplicar mais e investigar mais são desafios atuais para todos os que se interessam pela simulação. O livro recentemente publicado em Portugal e no Brasil, “A simulação no ensino de enfermagem”, pode ser uma ferramenta interessante.

Não podemos esquecer que a simulação representa uma modalidade complementar, adicional, que não exclui nem substitui a aprendizagem prática nos contextos clínicos e que, mais importante do que ter um simulador ou um espaço de simulação, é o que fazemos e aprendemos com eles.

Verónica Rita Dias Coutinho

Professora Adjunta na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

José Carlos Amado Martins

Professor Coordenador na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.